

Uma necessidade: projetos para a conversão.

Os primeiros leilões de direitos de conversão de dívida externa em investimentos serão insuficientes, na opinião do vice-presidente do Citibank no Brasil, Jouji Kawassaki, para medir o quanto na verdade os recursos provenientes dos mecanismos de conversão poderão incrementar o mercado de capitais brasileiro. Ele disse ontem, durante seminário sobre conversão, promovido pela Associação das Empresas Distribuidoras de Valores (Adeval), que nos primeiros leilões serão concretizados apenas negócios estabelecidos ainda antes da regulamentação do processo.

"Chegará o momento em que haverá recursos, mas faltarão projetos, a menos que as empresas se antecipem e elaborem projetos", disse ele. Para o vice-presidente do Citibank, os recursos gerados pela conversão da dívida serão, a médio e longo prazos, tão significativos para o mercado de capitais brasileiro, como são hoje aqueles provenientes de investidores de parte nos Fundos de Pensão. Neste momento, não se faz mais do que "alavancar" a abertura do mercado de ações brasileiro para o Exterior, afirma Kawassaki.

Embora já esteja prevendo eventual falta de projetos para os credores interessados na conversão, ele não acredita que os investidores acabem pressionando demais os preços das ações nas Bolsas. "Os aplicadores só entrarão, se notarem que os fundos de conversão ainda não foram pressionados demais", acredita Kawassaki.

Mercado importante

Hoje, apenas 6% das empresas brasilei-

ras, descontadas as pequenas e microempresas, têm o capital aberto. No entanto, elas são responsáveis pela geração de um terço do Produto Interno Bruto (PIB) do País, por 38,1% do Imposto de Renda arrecadado, por 62,9% do total de impostos indiretos recolhidos (ICM, IPI, Finsocial e outros) e pela formação de 41,7% do capital bruto brasileiro. Por isso, o mercado de ações "é muito importante", segundo o diretor da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), Carlos Alberto Paes Barreto, para quem a conversão representa uma nova fonte "estável" de recursos para o setor.

De qualquer forma, do total da dívida brasileira, cerca de US\$ 66 bilhões são passíveis de conversão. O restante é relativo a dívidas contraídas para financiamento de comércio exterior ou a dívidas de bancos junto a outros bancos (operações interbancárias). Ou então, referem-se a empréstimos do FMI, BID ou Banco Mundial.

Desses US\$ 66 bilhões, porém, pelo menos 20% não deverão ser objeto de conversão, pelo menos enquanto o Banco Central (BC) fizer questão do desconto no valor de face da dívida. É que, na opinião de Kawassaki, os grandes bancos credores, que detêm em torno de 20% do total passível de conversão, não estão interessados no processo. Preferem correr o chamado "risco Brasil" e terem a chance de receber mais tarde os créditos em seu valor integral. Para ele, apenas os bancos de menor porte estão, no momento, interessados na conversão. Ele informou que o BC está estudando a eliminação do desconto, quando a conversão for feita por credores originais.